

Manifesta-se sobre a declaração de interesse público e social do acervo documental de Augusto Ruschi.

1- APRESENTAÇÃO

A Portaria nº. 78, do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, de 29 de julho de 2003, criou a Comissão Técnica de Avaliação, composta atualmente por Jayme Spinelli Júnior (titular), presidente da Comissão, e Vera Lúcia Miranda Faillace (suplente), da Fundação Biblioteca Nacional; Beatriz Moreira Monteiro (titular) e Marcelo Nogueira de Siqueira (suplente) do Arquivo Nacional; Mônica Muniz Melhem (titular) e Cynthia Maria Aguiar Ferreira Lopes (suplente) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o objetivo de realizar estudos para a declaração de interesse público e social de arquivos privados de pessoas físicas ou jurídicas que contenham documentos relevantes para a história, a cultura e o desenvolvimento nacional, tendo em vista a Resolução nº 17 de 25 de julho de 2003.

Por solicitação encaminhada ao CONARQ, através de carta proposta, de 29 de novembro de 2011, pelos professores André Ruschi e Taiguara Villela Aldabalde, foi instaurado o processo nº 08062.000001/2011 DV, em 05 de dezembro de 2011, propondo a declaração de interesse público e social do acervo documental do Arquivo Augusto Ruschi. O referido acervo está localizado na sede da Estação Biologia Marinha Augusto Ruschi, situada na avenida Augusto Ruschi, nº 1, no distrito de Santa Cruz, em Aracruz (ES) e na Casa Augusto Ruschi, na rua Coronel Avancini, 51, Santa Teresa (ES).

Em 14 e 15 de março de 2011 foi realizada visita técnica ao acervo pelos membros da Comissão, quando foram observadas as condições de tratamento técnico, preservação, acesso e conteúdo do mesmo.

2 – O MÉRITO

2.1 – O Acervo

O Arquivo produzido por Augusto Ruschi é o produto natural das atividades deste agrônomo, advogado, naturalista e ecologista. O referido arquivo é insumo indispensável para compreender suas atividades acadêmicas e científicas, sendo seu legado estudado por pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, como Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Duke University, dentre outras.

mm
mm
af
ze
1
Chua

O conteúdo do referido arquivo retrata as descobertas, a defesa e o estudo de espécies animais e vegetais brasileiras.

2.2 – Ficha Técnica

Acervo Arquivístico:

- **Gênero documental: Textual**

Dimensão e suporte: cerca de 10 metros lineares, contendo manuscritos, recortes de jornais e revistas, reportagens, correspondências, cadernetas de campo, anotações, impressos e documentos administrativos.

Âmbito e conteúdo: documentos referentes às pesquisas do titular, anotações pessoais acerca de assuntos diversos, cadernetas de campo com descrição de atividades científicas, reportagens e recortes de jornais e revistas sobre o próprio, suas pesquisas e homenagens, históricos e pareceres sobre suas pesquisas, manuscritos e material datilografado de livros, artigos e palestras, condecorações, diplomas, contratos de publicação, documentos pessoais e referentes aos imóveis da família.

- **Gênero documental: Iconográfico**

Dimensão e suporte: cerca de 50.000 diapositivos, 2.000 negativos, 2.000 ampliações fotográficas, 500 fotolitos e 100 aquarelas.

Âmbito e conteúdo: imagens fotográficas coloridas e em preto e branco referentes ao trabalho de campo e estudos do titular, sobre eco sistemas, flora e fauna, sobretudo de beija-flores. São poucos os registros fotográficos referentes ao convívio familiar, de palestras e aulas. Fotolitos referentes aos livros publicados. Aquarelas que ilustram os trabalhos de observação de pássaros, com especial atenção ao beija-flor, contendo no verso observações e comentários de Augusto Ruschi.

- **Gênero documental: Bibliográfico**

Dimensão e suporte: cerca de 1000 publicações

Âmbito e conteúdo: Livros publicados de autoria do titular, livros de biologia, ecologia e demais ciências naturais, obras de apoio à pesquisa e consulta.

- **Gênero documental: Audiovisual**

Dimensão e suporte: cerca de 50 fitas VHS e 30 fitas U-Matics e Betacams.

Âmbito e conteúdo: Palestras, reportagens e documentários produzidos sobre o titular, filmes e depoimentos, não havendo registros familiares ou pessoais.

EDVARO

Fis: 24

Publica: 26

Arquivo Nacional

- **Gênero documental: Sonoro**

Dimensão e suporte: cerca de 50 fitas audiocassetes e fitas rolo

Âmbito e conteúdo: gravações de palestras do titular e sobre ele, entrevistas e sons de animais, sobretudo pássaros e sapos.

2.3 - Propriedade do acervo

O acervo é de propriedade da Estação Biologia Marinha Augusto Ruschi (EBMAR). Cópias de fotografias, quadros e objetos museográficos, como medalhas, bandeiras, animais empalhados, notas e objetos pessoais compõem o acervo da Casa Augusto Ruschi (CAR). A empresa dona de EBMAR e da CAR tem como proprietário André Ruschi, filho de Augusto Ruschi. A referida empresa está em transição contratual, passando de Microempresa para Limitada, com a entrada dos sócios Gabriel Gomes Ruschi, Anita Gomes Ruschi e Diana Marchiori Ruschi, filhos de André Ruschi.

O acervo doado por Augusto Ruschi ao Museu de Biologia Mello Leitão não é objeto da solicitação, nem deste parecer, pois pertence ao poder público.

2.4 – Tratamento Técnico

Devido à grandiosidade do acervo, composto por diversos gêneros documentais, associado à falta de pessoal qualificado no tratamento arquivístico, a documentação encontra-se organizada apenas fisicamente, acondicionada em caixas-arquivo (de papelão e polionda), pastas (de papelão e plionda), pacotes e caixas de papelão, dispostas em estantes de metal, armários e móveis de madeira e, no caso das caixas de papelão, colocadas no chão. Todo acervo está depositado em um cômodo de uma das construções da Estação Biologia Marinha Augusto Ruschi, com exceção da biblioteca, que encontra-se em uma outra construção da Estação, e dos quadros com cópias de fotografia e objetos museológicos que encontram-se na Casa Augusto Ruschi (CAR). O acervo bibliográfico e os itens de caráter museológico não são objetos do presente parecer, embora encontrem relação intrínseca com o titular.

O arquivo não possui um funcionário específico, sendo organizado pelo Sr. André Ruschi, que conta com ajuda de estagiários, alunos e funcionários nas situações de consultas eventuais. O Sr. André Ruschi é o responsável pela administração, tratamento e atendimento ao usuário, tendo amplo conhecimento do acervo, tanto de seu conteúdo quanto de sua localização, sendo imprescindível para o funcionamento do mesmo.

mm
mm
3
Seu

Existe um projeto conjunto com o curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo para a organização arquivística do referido acervo. Tal projeto ainda aguarda aprovação das instituições de fomento à pesquisa.

Não há quadro de arranjo nem instrumentos de pesquisa ou base de dados. Os documentos estão separados por espécies e tipologias documentais.

2.5 – Condições de acesso

As consultas são poucas e mediadas pelo seu proprietário. Normamente são destinadas aos alunos do próprio Sr. André Ruschi ou aos estudantes de pós-graduação e pesquisadores que frequentam a Estação Biologia Marinha Augusto Ruschi, mediante agendamento prévio e sob orientação e acompanhamento do Sr. André Ruschi, após concordância do mesmo.

A consulta é realizada sob supervisão do proprietário, em mobiliário no mesmo local de guarda do acervo e mediante agendamento prévio. Não há serviço de reprografia, nem equipamentos para específicos para consulta a fitas áudio e videomagnéticas. Segundo o Sr. André Ruschi não são realizadas reproduções de documentos.

2.6- Condições de preservação do acervo

O estado geral de conservação do arquivo Augusto Ruschi , pode ser considerado como em bom estado físico e com uma organização razoável em caixas e estantes. A sala onde está situado, hoje, apresenta telas protetoras nas janelas e ventilação forçada.

É necessário que o acervo seja submetido a uma organização arquivística planejada gerando condições adequadas de acesso. Tratamentos de higienização devem ser executados, como também acondicionamentos específicos para cada tipo de material, como documentos manuscritos, livros e diapositivos, dentre outros, e devem ser confeccionados com materiais de qualidade arquivística. Devem ser adquiridos armários de aço deslizantes e mapotecas com vistas ao armazenamento otimizado dentro do espaço físico que abrigará o arquivo. Os cuidados com a ambientação, ou seja, o controle dos parâmetros de temperatura e umidade relativa do espaço reservado ao armazenamento, torna-se fundamental, bem como a adoção de todos os cuidados anti-sinistros. A organização do arquivo deve prever uma política de reprodução de documentos, em microfilme ou em meio digital.

3 – O TITULAR

CONARQ
Fol: 27
Publica:
Museu Nacional

Augusto Ruschi nasceu em Santa Teresa (ES) em 12 de dezembro de 1915 e faleceu em Vitória (ES) em 3 de junho de 1986, aos 71 anos.

Cientista, agrônomo, advogado, naturalista, ecologista. Sua vida foi dedicada às descobertas, defesa e estudo das espécies brasileiras, além da visão ecológica preservacionista pioneira que o consagrou mundialmente. Foi Professor Titular da UFRJ e pesquisador do Museu Nacional, com vasta produção técnico científica. Por força de suas pesquisas, também deixou grande coleção de fotografias e produziu inúmeros desenhos científicos. Ajudou no combate a pragas na agricultura, na implantação de diversas reservas ecológicas brasileiras, como o Parque Nacional do Caparaó e, na divulgação das maravilhas da natureza. Montou duas instituições científicas, o Museu de Biologia Professor Mello Leitão e a Estação de Biologia Marinha Augusto Ruschi.

Figura polêmica, defensor atuante e notório do meio ambiente, envolveu-se em várias disputas públicas com empresas e autoridades pela preservação ambiental. Foi também um dos pioneiros na denúncia do desmatamento da Amazônia e antecipou os efeitos deletérios do reflorestamento com espécies exóticas e do uso de agrotóxicos, entre outros problemas ambientais contemporâneos.

Sua notável contribuição para o ambientalismo e para as ciências, expressa em suas ações e em seus mais de 400 trabalhos científicos, incluindo 22 livros, foi consagrada através do respeito que granjeou entre os estudiosos e de muitas homenagens que recebeu em vida e postumamente. Sua primeira paixão foram as orquídeas. Explorou mais de mil quilômetros quadrados de mata descrevendo, catalogando e classificando milhares de espécies. Com apenas quinze anos publicou seu primeiro trabalho científico, um relato sobre a descoberta de dois novos gêneros e cerca de dezenove novas espécies de orquídeas, escrito em latim e com uma metodologia inovadora, que causou a admiração dos técnicos do Museu Nacional. Aos dezessete anos passou a trabalhar regularmente para o Museu como coletor de espécimes, frequentando também seminários e palestras no Rio de Janeiro. Aos dezenove anos voltou-se para os beija flores, quando descobriu que algumas espécies eram responsáveis pela polinização de orquídeas, numa época em que estas aves eram pouco conhecidas pela ciência, tornando-se um dos pioneiros na matéria e ganhando reconhecimento mundial. Pela inexistência, nessa época, do curso de Biologia, ingressou em 1936 na faculdade de Agronomia, em Viçosa (MG), terminando o curso em Campos dos Goytacazes (RJ).

5

Com 22 anos, já residindo no Rio de Janeiro, Cândido Leitão ofereceu-lhe trabalho no Museu Nacional, ligado à Universidade do Brasil – hoje UFRJ e obteve o cargo de Professor Titular de Botânica na universidade, mas depois de poucos meses pediu demissão do Museu, já que não conseguia viver longe da floresta, e voltou para sua terra natal. Inconformados, em 1939 os diretores do Museu criaram a Estação Biológica de Santa Lúcia, em Santa Tereza (ES), para que pudesse continuar suas pesquisas, encarregando-o mais tarde da direção, cargo que exerceu até aposentar-se em 1983. Ali fundou, em 1949, o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, hoje vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus, cujo Boletim foi o veículo de divulgação de muitas de suas pesquisas. Formado também em Direito prestava assessoria ao Ministério da Agricultura, ao Ministério da Educação e ao Governo do Estado do Espírito Santo.

Na mesma época, começava a se preocupar com os crescentes problemas ambientais, campo em que viria a se tornar um dos mais aguerridos pioneiros no Brasil, a partir da constatação dos efeitos do desmatamento do entorno da área em que pesquisava, e que era tomada por fazendas de café, e da prática de reflorestamento com espécies exóticas como o eucalipto. Em função disso, em 1951 organizou no museu um curso sobre preservação ambiental.

Em 1960 foi convidado pelo pesquisador norteamericano C. H. Greenewalt para divulgar seus trabalhos nos Estados Unidos, sendo favoravelmente recebido e conhecendo várias das mais importantes instituições científicas do país. Mesmo já consagrado, suas ações lhe trouxeram muitos desafetos entre políticos e empresários, por criar obstáculos à implantação de seus projetos antiecológicos, e mesmo por parte do povo, como por exemplo os caçadores de aves, que o responsabilizavam pela aprovação do código de caça em 1967, que impedia a comercialização de espécies nativas.

Em plena ditadura militar, lutou, em 1965, para impedir a concretização de um plano do governo do Espírito Santo para vender a madeira de matas nativas e reflorestá-las com eucalipto. Condenou os planos oficiais de ocupação da floresta amazônica e falou a favor dos povos indígenas. Em 1971 documentou e denunciou o desmatamento desenfreado da mata virgem e o desalojamento violento de setecentas famílias indígenas num projeto de reflorestamento com eucaliptos da empresa Aracruz Celulose.

Em 1975, em viagem ao Amapá em busca de beija-flores, acidentalmente foi envenenado por sapos dendrobatídeos. Teve de ser hospitalizado, emagreceu muito e desde então sua saúde ficou abalada, sofrendo com febres, dores quase permanentes pelo corpo, hemorragias e comprometimento do aparelho digestivo.

Em 1985, já fragilizado por várias malárias e esquistossomoses que contraiu durante as pesquisas de campo, tornou-se ainda mais frágil como efeito da hepatite C que o acometia. Már podia caminhar, desenvolveu uma hérnia ao fazer um pequeno esforço, e o antigo envenenamento pelos sapos também cobrava tributo de sua saúde, afetando as funções hepática e renal. No dia 23 de janeiro de 1986 reuniu-se com índios no Parque da Cidade, no Rio de Janeiro, para um ritual de purificação e cura dirigido pelo cacique Raoni e o pajé Sapaim, após diversos tratamentos médicos convencionais. A pajelança durou três dias e virou manchete em rádios e jornais de todo o país durante uma semana, sendo noticiada também no exterior. Após o tratamento os indígenas o deram como curado, e de fato o paciente sentira-se bem desde o primeiro dia, cessando as hemorragias, as tonturas e as dores. Mas as melhoras foram efêmeras e seu estado continuou piorando. Depois de ser internado em uma clínica em Linhares, apresentando outra vez vômitos e tontura, sendo acometido ali por uma isquemia cerebral, da qual se recuperou sem sequelas, no dia 24 de maio foi transferido para o Hospital São José, em Vitória, por complicações gastroenterológicas. Morreu no dia 3 de junho de 1986. A causa mortis foi Insuficiência hepática, causada por uma cirrose de origem viral, agravada por hemorragias e falência das funções renais. Seus órgãos foram doados ao Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Espírito Santo para pesquisas médicas.

Augusto Ruschi foi um viajante incansável, sempre em busca de novos conhecimentos em regiões tão distantes como a Patagônia e o Alasca; manteve contínuo e relevante intercâmbio com instituições científicas e pesquisadores de todo o mundo, deu inúmeras conferências pelo Brasil e no exterior, e deixou enorme produção escrita, com mais de 400 artigos e livros científicos publicados, dos quais Aves do Brasil talvez seja o título mais conhecido, além de ter reunido vasta coleção de fotografias e produzido pessoalmente milhares de desenhos para ilustração de seus trabalhos. Concebeu e realizou diversos projetos para instituições zoológicas internacionais, como o Parque Nacional del Este, na Venezuela, e os zoos de Washington, San Diego e Filadélfia, nos Estados Unidos.

Sua notoriedade na comunidade científica advém principalmente do seu profundo conhecimento sobre os beija-flores, área em que se tornou a maior autoridade mundial, catalogando oitenta por cento das espécies brasileiras e descobrindo outras duas.

mm
mm
7
Ferreira

4 – CONCLUSÃO

EDUARDO
11 Fis: 30
DIRETOR: *ER*
FUNDAÇÃO NACIONAL

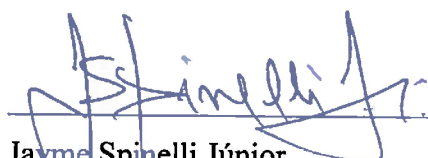
O acervo corresponde às atividades profissionais e científicas de Augusto Ruschi, retratando importantes e decisivos resultados de suas pesquisas, que colaboraram na consolidação dos estudos de pássaros e de botânica no Brasil e no mundo, em particular no que diz respeito aos aspectos ecológicos. As pesquisas de Augusto Ruschi influenciaram a sociedade brasileira na conscientização da importância da preservação da flora e fauna de nosso país. Seus estudos resultaram na criação de reservas naturais, de novos parâmetros no ensino de biologia e na difusão da ecologia.

A atuação de Augusto Ruschi foi acompanhada por pesquisadores do mundo todo, sendo ele um dos cientistas de maior renome no exterior. A extensa documentação produzida pelo próprio, resultante de suas atividades acadêmicas e científicas, bem como da documentação acumulada referente ao que foi produzido sobre o titular, é de inegável importância para a compreensão de seus estudos, possibilitando inclusive outras pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

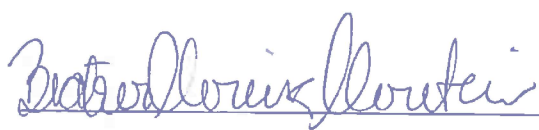
O acervo em questão também possui uma relevante importância política, além da reconhecida característica acadêmica e científica, pois fornece à sociedade o conhecimento acerca dos embates ideológicos e conceituais sobre a preservação da natureza e economia sustentável.

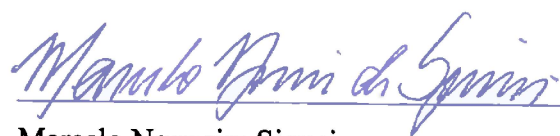
Pelo exposto, esta Comissão Técnica para Avaliação de Acervos Privados de Interesse Público e Social manifesta-se favoravelmente à solicitação de Declaração de Acervo Privado de Interesse Público e Social para o Arquivo Augusto Ruschi.

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2012.

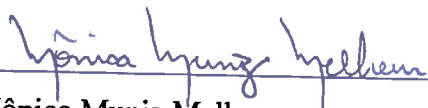

Jayme Spinelli Júnior
(Fundação Biblioteca Nacional)


Vera Lúcia Miranda Faillace
(Fundação Biblioteca Nacional)

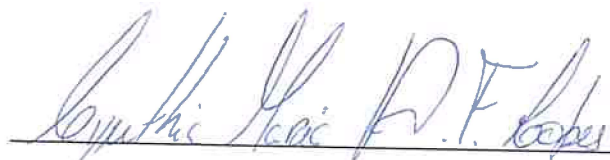

Beatriz Moreira Monteiro
(Arquivo Nacional)


Marcelo Nogueira Siqueira
(Arquivo Nacional)

8
de



Mônica Muniz Melhem
(Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional – IPHAN)



Cynthia Maria Aguar Ferreira Lopes
(Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional – IPHAN)



